

LAMPEJOS E SONHOS DE NOVIDADE

no documento capitular: “Repartir do primeiro anúncio”

O presente não é decisivo se temos ideias para o futuro. É esta a posição que nos inspira e alegra após a leitura dos assuntos que foram discutidos e esclarecidos no XVI capítulo geral xaveriano. Na rápida resenha que segue, queremos evidenciar os pontos que mais nos interessam em relação ao futuro da congregação e do seu trabalho missionário na região amazônica, no Brasil e no mundo.

1. O TEMA DO REINO DE DEUS. É de importância capital para nós e para a missão do futuro. Por três motivos. **Primeiro:** porquê o projeto do Reino de Deus motivou a encarnação, a pregação e a ação de Jesus nesta terra e as coroou com sua paixão, morte e ressurreição. **Segundo:** porquê a meta do Reino de Deus deveria constituir o horizonte global da missão da igreja já desde agora e no amanhã todo. **Terceiro:** porquê o sonho do Reino de Deus está inspirando e caracterizando a tensão missionária das igrejas latino-americanas. Não seria oportuno enxergar as comunidades de base como provas ou ensaios do Reino de Deus nesta terra?

No documento em questão, encontramos acenos rápidos ao Reino de Deus aos parágrafos 4 e 44. Ao parágrafo 4, S. Guido Maria Conforti nos fala da **família dos povos** que ele vê como resultado da ação missionária nos vários continentes. Uma **família dos povos** que não pode ser que o Reino de Deus pois, sob os olhos do Pai de todo mundo, os povos não podem ser que irmanados. Esta visão do Conforti é sem dúvida alguma surpreendente e profética, se observarmos que remonta aos albores do século que registrou duas ferozes guerras mundiais e duas coloniais (Líbia e Etiópia) só por conta da católica Itália.

O aceno ao Reino de Deus que encontramos no parágrafo 44 é sem dúvida mais explícito e mais sonoro mas parece satisfazer menos do que o precedente. Por que? Porquê, ao parágrafo 44, a realização do Reino de Deus é vista como algo de relativo ou colateral à obra da missão, ou como uma das tantas implicações que a missão comporta, tais como o serviço ao mundo e o diálogo intercultural. Termino este primeiro assunto observando que do relativismo do Reino de Deus é cheia a igreja, já a partir da mais antiga fase da idade média. Nas mais novas constituições xaverianas, publicadas no final dos anos setenta, o Reino de Deus ganhou três brilhantes pérolas - os artigos 7, 8 e 9 - mas poderíamos dizer que estes artigos iluminam e orientam todo o conjunto das constituições xaverianas? No novo catecismo da igreja católica (1997) o Reino de Deus mereceu, com surpresa de todo mundo, uns oitenta parágrafos, mas estes

ficam espalhados por todo lado do catecismo, não podem constituir um assunto específico como acontece com o credo, a moral, os sacramentos, a igreja etc., e não podem fazer do inteiro catecismo uma desejável bandeira do Reino de Deus.

Por última observação, parece lamentável perceber que o capítulo xaveriano não chegou a tomar uma posição mais corajosa, isto é não chegou a induzir que o Reino de Deus tem que se tornar o primeiro e último horizonte da missão, superando o panorama mais restrito da **plantatio ecclesiae**. Quando chegaremos a ter tal ardimento, a missão poderá gozar de estruturas e metodologias totalmente novas, pois poderá envolver não somente os valores religiosos dos povos, mas também aqueles artísticos, filosóficos, sapienciais, científicos, sociais e políticos. A partir daquele dia, a missão poderá ser vista não mais como invasão ou agressão, mas como serviço, aliança e implementação das riquezas que os povos já possuem e como resposta às aspirações que eles mesmos alimentam.

2. O TEMA DA MISSIO DEI. No documento capitular nos è oferecida e ministrada uma outra ideia galvanizante e envolvente quanto aquela do Reino de Deus. De fato a **missio Dei** (cfr. Paragrafo 34) nos insinua que a missão não è uma tarefa ou uma aventura confiada a um determinado e restrito número de escolhidos, mas sendo a vida de Deus, o amor de Deus em ação, a missão deveria ser a vida de cada cristão se não a vida de cada pessoa autenticamente religiosa e independentemente da

religião que pratica. Para compreender melhor tal fulgurante mensagem, temos que tomar consciência das restrições que faziam da missão e do chamado missionário um privilegio reservado a pouquíssimas pessoas, isto é um privilegio que era redutivo, privativo, classista e excludente. Sem perdermos tempo em observar que o nó da restrição e do privilegio atravessa a inteira história da igreja, da época de Constantino até nós, notemos que reconhecer a todo batizado e a toda pessoa honesta uma vocação em relação ao Reino de Deus é algo de explosivo e revolucionário tanto para a igreja quanto para o mundo que é destinado a se tornar o Reino de Deus. A **missio Dei** nos informa que a missão pode e deve ser multiforme (cfr. parágrafo 41) e deve poder aproveitar de um disparato número de métodos e mediações tais como: o ministério profético do testemunho, o anúncio explícito do evangelho, a liturgia e os sacramentos, o serviço da caridade e da fraternidade, o serviço que pode ser prestado por múltiplas e incontáveis profissões, o ensino e empenho em educar crianças, jovens, famílias e grupos, o diálogo inter-religioso e intercultural, o trabalho que, porquanto humilde e ordinário, se torna pão para os filhos e pão para o altar e a comunidade, o pensamento sociológico, filosófico e econômico, o cuidado em fazer com que ciência e religião se encontrem e se integrem e, enfim, o trabalho de organizar o povo em formações comunitárias e políticas ... Concluindo, podemos acenar à conversão que as novas formas de missão exigem dos cristãos e das

igrejas. Uma conversão que procede em sentido oposto à que se exigiu ao longo de dois mil anos. Não são mais os povos e as religiões que se devem converter ao cristianismo, mas são os cristãos e as igrejas que se devem converter aos povos e às religiões do mundo em função de dar uma primeira e elementar forma ao Reino de Deus.

3. O CRISTO CRUCIFICADO NA VIDA DE CONFORTI (cfr. parágrafo 7). O documento capitular dedica a este tema pouco mais de duas linhas, enquanto para nós da AL não pode ser que de máxima e decisiva importância. A sugerir-nos uma tal posição foram dois missionólogos americanos – Ronald Senior e Carrol Stuhlmüller – quando escreveram para nós um livro de espiritualidade missionária, isto é **Missione, parola dela croce**. Neste livro, editado pela EMI em 1992, se recomenda aos missionários que transfiram, para os crucificados da AL e do terceiro mundo, a preferência que Conforti tinha pelo Cristo na cruz. Um outro livro, do qual neste momento não lembro os dados básicos, recomenda de **Tirar da cruz os crucificados**, ou seja de libertar os pobres oprimidos e humilhados de todas as formas de escravidão e dominação. Com estas duas citações gostaríamos dizer, aos xaverianos todos, que a teologia da libertação (TL), se vista em relação ao Reino de justiça e fraternidade que queremos implantar no mundo, guarda um potencial missionário de alto nível e merecida consistência e que, por este mesmo motivo, tem condição de se tornar um alimento indispensável para os cristãos e

missionários de todos os continentes. Não nos agradou a preferência que o documento capitular sugere ter pela África e pela Ásia, em possível detrimento da América Latina. Os problemas que estamos tratando não são quantitativos mas qualitativos e não deveriam ser submetidos a contas de tipo bancário. Se não é certo vender as rodas do carro para comprar o combustível, não deveria ser certo largar a América Latina para termos mais força na África e na Ásia. Sobretudo em consideração do fato que a América Latina è destinada mais a dar missionários que a recebe-los. A ordem dos padres verbitas, missionários de fundação alemã com origem na mesma época dos xaverianos, conta com seis mil religiosos, sendo que algumas centenas deles são brasileiros. Por que os xaverianos não souberam, no Brasil e alhures, pescar vocações à maneira dos verbitas? O que é que nos faltou para não termos conseguido suscitar e recrutar um grupo mais convincente de seguidores? Eis as perguntas que deveríamos por para nos mesmos antes de tomar decisões discutíveis do ponto de vista do evangelho.

04. VARIAS FORMULAS DE PRIMEIRO ANÚNCIO (cfr. parágrafos 46-51). Ao ver o título **REPARTIR DO PRIMEIRO ANÚNCIO** confesso que fiquei contristado e disse para mim mesmo: “recomeça a conversa de sempre, aquela que, por repetir incessantemente a mesma conclusão, nunca sabe acabar”. Mas, por minha boa sorte, o tema incluía acentos e sentidos de inesperada novidade. De fato, em lugar de nos apresentar um primeiro

anúncio genérico e indefinido, o documento capitular apresenta pelo menos quatro formas de primeiro anúncio. A primeira foi aquela que identifica a mensagem com o mensageiro e coloca o testemunho do nosso ser e viver evangélico como condição indispensável para lançarmos as palavras e os conceitos que pintam Jesus no essencial e na sua identidade com o Reino de Deus. As outras três formulas do primeiro anúncio tem que acompanhar, em conjunto ou separadamente, a formula supradita do testemunho de vida e podem ser indicadas (1º) por “um encontro”, (2º) por um breve sermão bem articulado, (3º) por uma denúncia profética que diga respeito à situação em que se encontram os interessados. O que em tudo isso mais me afetou foi tanto o testemunho de vida quanto a denuncia profética que pode ser vista como lógica consequência do testemunho de vida. Os dois valores são quase que inseparáveis e se veem maravilhosamente entrelaçados em muitos mártires da América Latina, tais como Oscar Romero, Gabriele Ramin, Adelaide Molinari, Doroty Stang, Chico Mendes e muitos outros.

5. AD GENTES E AD EXTRA (cfr. parágrafos 53 e 54). Por primeira coisa gostaria notar que as duas expressões tão caras aos xaverianos são de origem muito antiga e, com o passar dos séculos, podem cada vez mais estar perdendo seus nativos significados. Já nos Evangelhos e nos Atos, os gentios, ou pagãos, aparecem melhores do que os israelitas. Baste pensar aos magos, ao samaritano da parábola, ao samaritano que fazia parte de um

grupo de dez leprosos e, único, voltou atrás por sentir-se obrigado em relação a quem o tinha curado. Baste pensar aos centuriões romanos: o que se preocupa com o sofrimento do seu criado e manda chamar Jesus e o que, vendo à distância o calvário, reconheceu a origem superior do crucificado do meio. Baste pensar ao Cornélio dos Atos e a uma surpreendente constatação de Pedro: Deus aceita quem pratica a justiça, independentemente da sua religião. Coisas estas que nos permitem de colocar várias perguntas insinuantes e de suspeitar que os pagãos de hoje não sejam aqueles dos tempos do Novo Testamento. De fato, quem são os pagãos de hoje? São os índios caiapós que vivem comunitariamente como irmãos ou são os capitalistas e donos de banco que, mesmo sendo batizados, se podem culpar pela fome de milhões de seres humanos? São os babalorixâs que, na África Central ou nas periferias das capitais brasileiras, convocam os espíritos dos falecidos para que abençoem e guiem os fiéis nas desgraças da vida, ou são os ministros e generais que, mesmo sendo cristãos, mandam jogar bombas sobre cidades e populações inermes? Seria bom saber, a este ponto, que, apesar de serem cristãos em grandíssima maioria, os americanos podem servir-se de 750 bases militares espalhadas em 120 países para dominar o mundo e privar os povos pobres de suas substâncias indispensáveis à vida. Dividir hoje o mundo entre bons e maus, entre cristãos e pagãos, com base na certidão de batismo, me parece um critério demais inadequado para chegar

a conclusões razoáveis e utilizáveis. Nem se fale dos movimentos demográficos que estão acontecendo no povoado global a cada dia, a cada hora. Entre menos de vinte anos a Europa e as Américas serão repletas não somente de cristãos, verdadeiros ou falsos que sejam, mas também de budistas, animistas, hinduístas, islâmicos e jainistas de maneira que pareça, desde agora, um tanto absurdo o nosso petrificado AD EXTRA. Porquê procurar borboletas a dois mil metros de altura se elas esvoaçam nos nossos campos, nas nossas ruas e entre as nossas pernas? Obstinar-se em manter o AD EXTRA a todo custo me parece mais uma maneira de evitar o problema que de resolve-lo. Se pense um pouco aos migrantes que, a cada dia, chegam da África e da Ásia procurando salvação na Itália e nos países europeus. À maneira dos antigos israelitas, temos girado o mundo inteiro para fazer prosélitos, mas agora que os possíveis prosélitos batem à nossa porta, é justo fingir de não sabe-lo ou de não termos deveres com eles? Por favor, não se chame de prudência aquilo que é fuga do chamado de Deus e dos seus misteriosos projetos.

06. UMA CONCLUSÃO PROVISÓRIA.

Considero que o **ad gentes** e o **ad extra** possam ficar em contraste também com a ideia de Reino de Deus, a mais importante e resolutiva de toda esta temática. De fato temos dito acima, ao longo do primeiro assunto, que o Reino de Deus deveria se tornar o horizonte primeiro e último da missão e a sua realização poderia envolver todas as forças positivas do mundo: as religiões, as culturas, as

filosofias, as ciências, as profissões, as artes, a comunicação, a sociologia, a economia... Mas esta maneira de imaginar o porvir do Reino nos obriga a superarmos, como primeiro passo, a visão tradicional da missão. Desde pelo menos 16 séculos a missão foi e ainda é um fato local ou regional, salvo os casos em que, imposta não sem violência, foi um fenômeno nacional (cfr. países da Europa Oriental, da África Central e da América Latina). E bem, a missão de um futuro próximo deverá ser um fenômeno mundial mas, ao mesmo tempo, um fenômeno com pouca visibilidade pois não terá estruturas externas, não terá leis nem parlamentos, não terá governos, nem polícias, nem exércitos. Numa palavra, será mais uma mudança interior de fraternidade, justiça e igualdade que afetará a face da convivência humana sem afetar os dados externos e tradicionais do mundo visível. Em segundo lugar, esta mudança interior de fraternidade, justiça e igualdade poderá envolver pessoas de todas as religiões e culturas, sem a necessidade delas se converterem a qualquer área do cristianismo. Diria até que estas pessoas convertidas explícita ou implicitamente ao Reino, não precisarão de uma religião de tipo atual, pois terão de Deus uma consciência mais viva e mais empolgante. Mas este sonho improvisado e um tanto cerebral tem, por sua vez, alguma base bíblica? Confesso que foi uma muito provável base bíblica que me encorajou a escrever estas últimas e apressadas linhas. Qual? Se veja no Evangelho a parábola do grão de mostarda dedicada

expressamente ao Reino de Deus (Mt 13, 31-32), a parábola dos convidados ao banquete que representa o Reino de Deus (Lc 14, 15-24) e, no Apocalipse (7, 9-12), o fantástico desfile dos que, provindos de todas as tribos, línguas, povos e nações, aclamam o cordeiro imaculado sentado no trono. De fato, quem são os pássaros que vem fazer o ninho entre os ramos da grande árvore (= Reino de Deus) se não os povos pagãos que circundam Israel? Quem são os convivas do banquete real se não os mais pobres e mais desprezados pagãos de todas as proveniências? Nem se fale da turma sem número que acompanha os 144.000 israelitas salvos e escolhidos para que, vestidos de branco, fiquem de pé na frente do Cordeiro. O barbudo autor do Apocalipse não esclarece se se trata de pagãos convertidos, mas deixa que cada leitor decida por sua conta, pois eles podem ser tanto pagãos convertidos, quanto ainda pagãos cem por cento, embora já feitos colunas do Reino escatológico e definitivo.

Savino Mombelli.

Belém, 29.08.13.